

A NOÇÃO DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E O BOM ENSINO DE HISTÓRIA

LUCIANA SOUZA SANTOS¹

Esse estudo pretende fazer uma análise dos principais entendimentos sobre “transposição didática” dos conteúdos de ensino de História, ou seja, a relação entre o conhecimento produzido na Academia e o conhecimento desenvolvido pelo universo escolar.

Para tanto verifica as principais ideias sobre o que seria um bom processo de ensino-aprendizagem na disciplina de História a partir da leitura de textos de autores renomados da bibliografia sobre o tema, tais como: Leandro Karnal, Circe Bittencourt, Maria Auxiliadora Schimdt, Marlene Cainelli, Kátia Abud, Carla e Jaime Pinsk.

A escolha desses autores justifica-se na ampla produção de livros e artigos dedicados ao estudo dessas categorias e do ensino de história de um modo geral como da própria trajetória intelectual desses referidos autores.

No trabalho, compreendi a “transposição didática” como:

“(...) um processo de transformação científica, didática até sua tradução no campo escolar. Ela permite pensar a transformação de um saber científico e social que afeta os objetos de conhecimento em um saber a ensinar, tal qual aparece nos programas, manuais, na palavra do professor, considerados não somente científicos. (...) Isso significa, então, um verdadeiro processo de criação e não somente de simplificação, redução.(...) (Schmidt 2009, p.35).

A motivação dessa escolha advém da necessidade de se compreender quais são as

¹ Mestre em Educação – UNINOVE, especialista em História – UNICAMP, Licenciatura Plena em História – UEMG.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

principais discussões sobre a questão do trabalho didático em sala de aula, buscando abranger os processos de transformação de conhecimento científico em conhecimento escolar. Levando em consideração que a cultura escolar é uma cultura em desenvolvimento, tendo a sua própria forma e constituição, devemos pensar o movimento de transformação dos novos conhecimentos científicos em conhecimento escolar que não se volta ao senso comum.

“Nenhuma disciplina escolar é uma filha da ciência-mãe”.

Henri Moniot.

Muitos são os desafios para o professor na atualidade, os descasos com a educação, a desqualificação profissional e a culpabilidade sobre o baixo desempenho dos alunos em avaliações externas.

Todos esses problemas fomentam discussões acadêmicas e pacotes governamentais que procuram solucionar o problema da baixa qualidade educacional brasileira por meio de cursos de formação continuada para os professores e modernizações tecnológicas nas escolas.

Segundo Karnal (2010), há algumas décadas, houve um equívoco expressivo na modernização do ensino. Julgou-se que era necessário introduzir máquinas para que aconteça uma aula dinâmica. Porém, o problema da educação brasileira vai além das aquisições de tecnologia para as escolas, eles perpassam por aquilo que aqui denominamos de *“transposição didática”*.

A fim de melhor compreender o que é a transposição didática, selecionei alguns autores para possamos nos apropriarmos melhor dessa categoria.

Circe Bittencourt, afirma que:

“(…) a história e as demais disciplinas escolares, a organização curricular, a carga horária, a divisão em áreas do conhecimento (humanas, exatas, etc.), educação infantil,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH

ensino fundamental I e II, ensino médio fazem parte de um sistema educacional que mantém especificidades no processo de constituição de saberes ou de determinado conhecimento- o conhecimento escolar”.

(BITTENCOURT 2005 p 35)

A escola está assim, organizada, um professor especialista para cada disciplina no ensino fundamental II e um professor polivalente para a educação infantil e ensino fundamental I.

Há muitas discussões sobre o que seriam as disciplinas escolares, sendo os principais debates sobre essas concepções os realizados entre pesquisadores franceses e ingleses. Existem os defensores da ideia de disciplina como “transposição didática” e os que concebem disciplina como um campo de “conhecimento autônomo”.

Segundo Bittencourt (2005), para determinados educadores, franceses e ingleses, as disciplinas escolares provêm das ciências eruditas de referência, são dependentes da produção das universidades, e servem como instrumento de “vulgarização” do conhecimento produzido por um grupo de cientistas, portanto ações que passam por uma “transposição didática”.

Para o pesquisador francês Yves Chevallard (*apud* Bittencourt 2005, p.36), a escola é parte de um sistema no qual o conhecimento por ela reproduzido se organiza pela mediação da “*noosfera*”², portanto, a disciplina escolar é totalmente dependente do conhecimento erudito ou científico o que a coloca hierarquicamente como saber “inferior”, um saber de 2ª classe. Essa mediação entre o saber erudito e saber escolar foi designada por Chevallard como “transposição didática”.

Todavia, essa concepção entende que os conteúdos escolares são oriundos da produção científica e os métodos decorrem apenas de técnicas pedagógicas que são transformados em didática.

² Que corresponde ao conjunto de agentes sociais externos a sala de aula – Inspetores, autores de livros didáticos, técnicos educacionais, famílias. Esses agentes garantem à escola o fluxo e as adaptações dos saberes provenientes das ciências produzidas pela academia.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH

Diante dessa concepção a escola passa a ser apenas um receptáculo do conhecimento produzido na universidade e o professor o agente responsável pela mediação e adaptação desse conhecimento para o meio escolar. Sendo a sua capacidade medida por sua eficiência em efetuar a “transposição didática”.

O pensador inglês Ivor Goodson e o estudioso francês André Chervel (*apud* Bittencourt 2005 p.37), entendem que a disciplina escolar não se constitui pela simples “transposição didática” do saber erudito, mas, antes, por intermédio de uma teia de outros conhecimentos.

Esses autores se opõem a concepção de “transposição didática” por entenderem que essa concepção evidencia a hierarquização de saberes como base para constituição de conhecimentos para a sociedade e que essa hierarquização do conhecimento tem conotações sociais, como instrumento de poder de determinados setores da sociedade.

Para Chervel, a disciplina escolar é uma entidade autônoma, existem relações de poder próprias da escola e o conhecimento produzido na escola faz parte de uma cultura escolar, sendo a escola um lugar de produção de um saber próprio.

Bittencourt (1998) defende um conceito amplo de conhecimento histórico, ao afirmar que:

“(...) o conceito de conhecimento histórico escolar, que não pode ser entendido como mera e simples transposição didática de um conhecimento maior, proveniente da ciência de referencia e que é vulgarizado e simplificado pelo ensino (...) a história escolar não é apenas uma transposição da história acadêmica, mas constitui-se por intermédio de um processo no qual interferem o saber erudito, os valores contemporâneos, as práticas e os problemas sociais”

(BITTENCOURT 1998 p.25)

De acordo com o que nos falou acima Bittencourt, não podemos entender o conhecimento histórico escolar como algo menor, como uma simples transposição didática de um

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH

conhecimento que fora produzido na universidade por intelectuais e que o professor tem por ofício a transformação em um conhecimento histórico escolar por meio de métodos didáticos. O conhecimento histórico escolar é muito mais que um reducionismo do conhecimento histórico acadêmico ele se constitui de múltiplos conhecimentos, o saber erudito, os valores contemporâneos que são absorvidos por alunos e professores em diferentes ambientes, as práticas e problemas sociais específicos de um determinado momento ou de um lugar específico.

O professor é quem transforma o saber a ser ensinado em saber aprendido, e essa ação é fundamental no processo de produção do conhecimento. Conteúdos, métodos e avaliações constroem-se nesse cotidiano e nas relações entre professores e alunos, complementado por Bittencourt, como segue:

“O conhecimento histórico não se limita a apresentar o fato no tempo e no espaço acompanhado de uma série de documentos que comprovam sua existência. É preciso ligar o fato a temas e aos sujeitos que o produziam para busca uma explicação. E para explicar e interpretar os fatos, é preciso uma análise, que deve obedecer a determinados princípios. Nesse procedimento, são utilizados conceitos que organizam os fatos, tornando-os inteligíveis”. (BITTENCOURT 2005 p.49)

Cabe ao professor, portanto, o domínio desses conceitos que organizam os fatos, a mediação que o professor faz em sala de aula é o que garante o aprendizado verdadeiro, quando os alunos se apropriam do conhecimento conseguem subjetivar e a partir desse momento novos conhecimentos serão gerados.

Existe uma expectativa para que o professor possua domínio dos saberes acadêmico e que consiga transmitir esses saberes aos seus alunos, aliando essas competências, convicções e experiência de vida. Realizando assim a “transposição didática” dos conteúdos e do procedimento histórico e também das relações entre inovações tecnológicas e o ensino de História. Em outras

palavras, uma reorganização curricular em que há a preocupação com os saberes produzidos tanto pela cultura escolar, quanto pela cultura acadêmica.

Segundo Schimidt (1998):

“A transposição didática do fazer histórico pressupõe, entre outros procedimentos, que se trabalhe a compreensão e a explicação histórica(...) Destacam-se a problematização, o ensino e a construção de conceitos, análise causal, contexto temporal e o privilégio da exploração do documento histórico(...) Mais que as determinações causais, é importante levar o educando à compreensão das mudanças e permanências, das continuidades e descontinuidades, exigindo do professor uma grande atenção aos diferentes ritmos dos diferentes elementos que compõem um processo histórico”. (SCHIMIDT 1998 P. 59-60).

Deste modo, o professor poderá priorizar alguns pontos da explicação histórica para serem transpostos para a sala de aula, esses pontos deverão ser problematizados o que permitirá múltiplas possibilidades e questionamentos, esses questionamentos podem vir dos historiadores ou de inquietações dos próprios alunos.

Outro elemento destacado foi a análise causal. Schimidt (1998) nos atenta para explicação da História a partir da identificação das causas longínquas e imediatas dos fatos históricos, já que essas noções de casualidade levaram muitas vezes, a uma perspectiva teleológica e intencional da História. Portanto, o professor deverá possibilitar ao aluno a compreensão de que os acontecimentos históricos não podem ser explicados de modo simplista. É preciso fugir do esquema causa- efeito- consequência.

O aluno poderá compreender as relações de pesos e características diferentes e como elas interferem na realização de um acontecimento histórico, compreender e explicar os critérios de periodização histórica. O trabalho com as fontes ou documentos é imprescindível para essa compreensão já que pode introduzir o aluno no método histórico.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

De acordo com os dizeres das pesquisadoras:

“Busca-se a realização, na sala de aula, da atividade do historiador, a articulação dos elementos constitutivos do saber histórico com os do fazer pedagógico. Assim, o objetivo é fazer o conhecimento histórico ser ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo do fazer, do contar e do narrar a história” (SCHMIDT e CAINELLI 2009 p.32)

A intenção é que o aluno se compreenda como um agente da história, para tanto, precisa dominar os elementos constitutivos do saber histórico, fazer as relações, compreender as rupturas e permanências, construindo um diálogo com o passado, aprendendo assim a pensar historicamente, questionando e interpretando os documentos.

De acordo com Schimidt & Cainelli (2009), o professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho, ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista.

Sendo uma premissa para o professor ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, o professor ensina quando dá condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História e de se perceber como agente da História.

Pinsky entende que:

“O grande desafio que se apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal que parece estar empolgando corações e mentes. É preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia. Historiador/professor sem utopia é cronista e, sem conteúdo, nem cronista pode ser”.

(PINSKY 2010 p.19)

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH

Jaime Pinsk e Carla Bassanezi Pinsk são autores de diversos livros e artigos que discutem o ensino de história e apontam caminhos para o bom ensino da disciplina em sala de aula, nos alertam, para as armadilhas do tempo atual no qual tudo é muito rápido e ágil, e que o pensamento analítico é substituído por “achismos”, alunos substituem a pesquisa bibliográfica por informações superficiais dos sites “de pesquisa”, muitas vezes os conteúdos historiográficos ou livros são substituídos por filmes. Isso acarretaria uma visão onde o passado, se torna desinteressante e, simplesmente, ultrapassado. Essas concepções retiram da escola o seu caráter humanista, pois há a troca de conhecimento por informações simplistas ou fragmentadas.

Cabe ao professor de história dar ao aluno condições para que ele se perceba como sujeito histórico, que ele se aproprie do conhecimento produzido historicamente pela humanidade.

Segundo os referidos estudiosos “um professor mal preparado e desmotivado não consegue dar boas aulas nem com o melhor dos livros, ao passo que um bom professor pode até aproveitar-se de livros com falhas para corrigi-las e desenvolver a crítica entre os alunos”. (PINSK, 2010) com essa ideia, afirma que o conhecimento histórico do professor, o seu capital cultural são elementos essenciais para que ocorra um bom ensino. É o professor o mediador entre o patrimônio cultural da humanidade e a cultura do educando.

O professor necessita de um conhecimento aprofundado do patrimônio cultural da humanidade. E também que conheça o universo sociocultural do aluno para transitar entre esses dois universos realizando o seu trabalho de forma que o aluno possa compreender, saindo assim do seu universo particular para apropriar-se do conhecimento produzido historicamente pela humanidade. Assim sendo, é necessário que o professor tenha claro o quê e como ensinar.

Conforme (PINSK, 2010) a estratégia de abordar a História a partir de temas, questões e conceitos poderá despertar o interesse dos alunos e também capacitá-los no sentido de perceberem a historicidade dos conceitos, reconhecendo preconceitos e dogmatismos. A inserção

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH

de novos temas propostos pela História social, História das mentalidades e do cotidiano poderão aproximar os alunos, permitindo uma maior identificação com os sujeitos históricos, ampliando a sua percepção sobre as relações sociais, sobre o papel histórico dos indivíduos e dos limites e possibilidades de cada contexto e processo histórico.

Para que o professor dê conta de todo esse conteúdo, permitindo ao aluno uma ampliação de horizontes e identificação com estes sujeitos históricos, em poucas aulas semanais, ele precisa aprender a selecionar o conteúdo fazendo recortes significativos. Os recortes da História permitem que o aluno abra enormes horizontes e se identifique com esses sujeitos da história. Essa ideia dá dimensão exata da importância de criação de boas sequências didáticas.

De acordo com Pinsk:

“O grande problema em termos do processo de ensino-aprendizagem, é que o abandono da diacronia, da ideia de processo, pode transformar o conhecimento histórico numa sabedoria de almanaque mal digerida, em acontecimentos, instituições ocorrem do nada para nada”. (PINSKY 2010 p.35)

A história tem que estabelecer relações reais e possíveis, não se pode englobar tudo em um tema transversal ou em um projeto interdisciplinar. Pinsk ressalta a importância da volta aos livros, e alerta que as “parafenalias tecnológicas” estão levando a um progressivo empobrecimento cultural de alunos e professores.

A formação inicial e continuada do professor, o seu capital cultural, a sua atualização constante sobre as produções historiográficas, a consciência do seu papel enquanto formador e transformador social é para Pinsk, elemento essencial para a garantia de um bom processo ensino-aprendizagem.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH

Contudo, é preciso compreender como as pessoas aprendem e como se dá aprendizagem histórica.

De acordo com as autoras:

“Um dos principais significados apontados para a aprendizagem histórica é transformar informações em conhecimentos, apropriando-se das ideias históricas de forma cada vez mais complexa, no sentido da construção de uma literacia³ histórica, ou seja, de seu próprio processo de alfabetização histórica significativa (...). Isso pressupõe saber como dialogar com outras pessoas de outras épocas e lugares (...). Significa também aprender a narrar o passado a partir da vida no presente”.

(SCHMIDT e CAINELLI 2009 p.66)

Portanto, as propostas de atividades e própria aula de história deve proporcionar ao aluno a apropriação dos conceitos históricos de forma que consiga objetivar esses conceitos de forma consciente, compreendendo como o passado foi construído, como as pessoas de uma determinada época viviam e construam sua história.

A aula de História deve possibilitar ao aluno o domínio das técnicas e métodos utilizados pelos historiadores para construção do conhecimento histórico, para que possa construir uma narrativa histórica a partir do presente sem cometer anacronismos.

Para Schimidt e Cainelli (2009) “a finalidade da aprendizagem histórica é a formação da consciência histórica que supere formas tradicionais e exemplares da consciência histórica”. Geralmente essas formas tradicionais são construídas por meio de narrativas lineares do tempo que não possibilitam um conhecimento significativo.

A fim de proporcionar uma aprendizagem histórica significativa é comum o uso de documentos históricos na aula de história. Geralmente esses documentos são utilizados para

³ Segundo Schimidt e Caneilli o conceito de literacia histórica entende que a finalidade do ensino da História é levar à população os conteúdos, os temas, os métodos, os procedimentos e as técnicas que o historiador utiliza para produzir o conhecimento histórico, ressaltando que não se trata de transformar todas as pessoas em historiadores, mas de ensinar a pensar historicamente.

arregimentar a fala do professor ou para auxiliar o aluno na compreensão do fato, o trabalho com fontes e documentos em sala de aula tornou-se indispensável. Como seguem dizendo as autoras:

“No ensino de História, a palavra documento suscita, pelo menos duas interpretações. Na primeira, ele pode ser identificado com o material usado para fins didáticos, como livro didático, mapa histórico e filme com objetivos educacionais. (...) Na segunda interpretação, documento quer dizer fonte, isto é, fragmentos ou indícios de situações já vividas, passíveis de ser explorados pelo historiador”. (SCHMIDT e CAINELLI 2009 p.112)

Para as pesquisadoras o uso do documento está presente na sala de aula, principalmente o livro didático que já é produzido especificamente para esse fim. Os livros didáticos, os mapas historiográficos e os filmes são utilizados para apoiar o ensino da disciplina História. Já os fragmentos ou indícios de situações vividas, são mais utilizados por historiadores, porém, podem e devem ser utilizados pelo professor em sala de aula para oferecer ao aluno novos recursos para a melhor apropriação da aprendizagem histórica.

Segundo Schmid e Cainelli (2009 p.117) “o trabalho com documento histórico em sala de aula exige do professor que ele próprio amplie sua concepção e o uso do próprio documento”.

As fontes primárias como fontes materiais, fontes escritas, fontes visuais e fontes orais, podem ser utilizadas de diferentes modos e são importantes para a construção do conhecimento histórico.

Contudo, a utilização de fontes primárias em sala de aula nem sempre é possível, conseqüentemente a visitação de museus e o estudo do meio podem e devem ser parte da aula de história, nos museus o aluno poderá entrar em contato direto com as fontes primárias materiais, escritas, visuais e orais a fim de expandir o processo de ensino- aprendizagem. Vale lembrar também que a internet é hoje, uma fonte de informação que dispõem aos pesquisadores, fontes

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

primárias para uso diverso, bastando procurá-las em sites de arquivos cujo acervo tenha sido digitalizado.

Segundo Almeida e Vasconcellos (1998 p.105) “não basta visitar uma exposição museológica para que ocorra um processo educativo: é preciso compreender as mensagens propostas pela exposição e construir novas significações a partir delas”.

Podemos compreender que a visita ao museu é de fundamental importância para a aprendizagem histórica, esse contato direto com as fontes primárias expostas no museu possibilitará ao aluno um diálogo direto com hábitos, costumes, anseios e a produção do conhecimento historicamente produzido por uma determinada sociedade de um determinado período histórico.

Este estudo considerou algumas questões de pesquisa, a saber: como a ideia de transposição didática dos conteúdos e dos procedimentos historiográficos é discutida por renomados pesquisadores brasileiros.

A premissa deste trabalho é a de que a escola deveria ser o *locus* privilegiado para a apropriação e objetivação do conhecimento e da produção histórico-cultural das gerações passadas, gerando desse modo, carências de novas objetivações, espaço no qual a transposição didática e aprendizagem histórica possam ocorrer.

A ideia de transposição didática permite um diálogo entre os conhecimentos historiográficos apresentados no campo acadêmico e os conhecimentos produzidos no mundo escolar. Embora exista a ideia de que os conhecimentos escolares são uma vulgarização do conhecimento acadêmico, partimos do princípio que na cultura escolar há uma recriação desses conhecimentos, posto que o currículo e o universo escolar têm os seus próprios interesses e rotinas.

Fora abordado neste estudo o papel fundamental do professor no processo ensino-aprendizagem, tendo em vista que é o professor quem transforma o saber ensinado em saber

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH

aprendido, portanto é a mediação que o professor faz em sala de aula que garante o aprendizado verdadeiro.

Por conseguinte, um bom conhecimento histórico escolar, parte do entendimento da produção acadêmica feita em torno do ensino de história, associada aos conhecimentos teóricos e metodológicos dos historiadores. Ao mesmo tempo, julgamos que essa apropriação é também uma adaptação à rotina escolar e que está relacionado aos desejos do professor, entendido aqui como sujeito responsável pelo trabalho com esses conhecimentos adquiridos.

Existem análises que apontam para o universo cultural escolar como singular. Isto é, sendo singular, a cultura escolar se utiliza de conhecimentos da academia, mas ao mesmo tempo produz e reproduz um conhecimento que é próprio de sua existência.

Constata-se, deste modo, que conhecer os métodos de ensino, a concepção de transposição didática amplamente difundida na “rede estadual de São Paulo”, todavia tão pouco compreendida, estar em contato com os principais temas discutidos por pesquisadores sobre o bom ensino de história, abrem um novo leque de entendimento das melhores abordagens didáticas na disciplina, trazendo uma renovação na atuação do professor em sala de aula.

Trata-se de formas de fazer e saber que está relacionado à rotina do professor, que adapta os seus conhecimentos para a aplicação útil ou até mesmo funcional dos trabalhos de sua disciplina. Não necessariamente há uma transposição didática linear, do universo acadêmico para o escolar. Do mesmo modo, não há garantias, mesmo que seja idealizado, de que todos os professores compreendem tais ensinamentos e os apliquem em sua rotina didática.

Entretanto, este trabalho aponta para considerações importantes sobre a metodologia do ensino de história como forma de apresentar possibilidades de trabalho que desenvolvam e ampliem a formação dos professores, mesmo mediante as incertezas que a realidade histórica escolar nos apresenta.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Compreender a importância da transposição didática dos conteúdos e dos procedimentos historiográficos para um bom ensino da História é imprescindível ao professor que deverá estar atento e atualizado as pesquisas sobre a didática da história, por conseguinte a formação continuada dos professores contribui para a melhoria na qualidade da educação.

Diante de todas essas constatações, observa-se que o ensino de História ocorre quando o professor possui o domínio dos conceitos historiográficos, da metodologia, dos procedimentos e encontra um ambiente favorável na escola para que isso ocorra, apesar de infelizmente deparar todos os dias com diversos entraves na execução do seu ofício, se faz urgente o resgate da real importância do professor no processo de aprendizagem dos alunos.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Kátia. *Currículo de história e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária*. (org) BITTENCOURT; Circe Maria, “O saber histórico em sala de aula”. 2 ed, São Paulo. Ed Contexto, 1998.

BITTENCOURT; Circe Maria, *O saber histórico em sala de aula: Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História*- Circe Bittencourt, 2 ed, São Paulo. Ed Contexto, 1998.

_____, *Ensino de História: Fundamentos e Métodos* São Paulo. Ed Cortez, 2005.

CABRINI, Conceição, *O ensino de história: revisão urgente*. 3. Ed. São Paulo. EDUC, 2005.

KARNAL, Leandro, *História na sala de aula: conceitos, práticas e proposta*. São Paulo: Ed Contexto, 2010.

PINSK, Jaime. *O ensino de História e a criação do fato*. 14. Ed. São Paulo. Contexto, 2011.

_____, e PINSK, Carla. *O que e como ensinar. Por uma História prazerosa e consequente*. “História na sala de aula conceitos, práticas e propostas (org) Karnal, Leandro, 6 ed, São Paulo, Ed. Contexto, 2010

SILVA, Marcos. *Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido* Marcos Silva; Selva Guimarães Fonseca. Campinas. Papyrus, 2007.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora- A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula- *O saber histórico na sala de aula* (org) BITTENCOURT, Circe, São Paulo, Ed Contexto, 1998.

_____, CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo. Scipione, 2009.